

Ainda há um bebê lá embaixo

Ilha Galveston, Texas, 23/02/02

UM FORD AEROSTAR marrom dispara pelas ruas da plana ilha litorânea. O motorista, José Rodriguez, 26 anos, está desnortado. Sentada ao lado dele, na frente, sua prima Rosalinda encontra-se apavorada. Seus dois filhos estão encolhidos no banco de trás com Maria, mulher de Rodriguez, que protege a própria filha, um bebê ainda, sentada numa cadeirinha de automóvel.

POR ANITA BARTHOLOMEW

Acelerando, o veículo mergulha a 25 metros

Indiferente ao medo das duas, Rodriguez entra num beco sem saída. Palmeiras defronte de casas bem cuidadas passam de lampejo enquanto ele segue velozmente direto para as águas tenebrosas do Estuário Offatts. Um homem em seu juízo perfeito teria pisado no freio para não bater no entulho de concreto no fim da rua. Rodriguez acelera.

Ele obedece à voz que troveja em sua cabeça, ordenando que conduza a *minivan* ao fundo das águas escuras. Está tudo nas mãos de Deus – comanda a voz –, se sua prima, os filhos dela, sua mulher e seu bebê vão viver ou morrer.

NA ÁGUA, uma brisa forte impele pelo rio diversos barcos a vela de dois tripulantes. Alunos de três faculdades do Texas preparam-se para a próxima corrida da regata. O capitão de um dos ágeis barcos, Luckey Reed, de Galveston, dirige-se para a linha de partida, quando algo imenso se projeta do píer, lançando-se na água com grande ruído.

Ali perto, Spencer Ogden, calouro da Universidade do Texas, manobra sua embarcação. Está totalmente concentrado na corrida quando vê uma *minivan*, o motor acelerando, romper uma pilha de entulho de concreto na margem e cruzar em disparada o seu campo visual. O veículo mergulha a cerca de 25 metros de onde ele se encontra e afunda como uma âncora de ferro.

Alguém grita para a margem: “Chamem a Emergência!” Esquecida a regata, uma dezena de barcos a vela ruma para a *van*.

“Vou mergulhar!”, grita Joe Richardson, 19 anos, estudante de Galveston, para os velejadores reunidos. Seu barco está a apenas 20 metros do local do acidente. Ele nada com todas as forças. Quem estará preso? Ele conseguirá chegar a tempo?

Quando se aproxima do local, um homem rompe a superfície. Richardson o agarra e o arrasta pelas águas geladas para o barco mais próximo. O homem está impassível – não demonstra medo ou gratidão, nenhuma emoção. É assustador.

“Ainda há alguém lá dentro?”, pergunta Richardson. O homem parece não entender. “*Otras personas?*”, pergunta outro estudante, em espanhol. O homem continua calado. A princípio não reage a ninguém ou nenhuma pergunta que lhe dirigem.

De repente, começa a murmurar. Uma palavra arrepia o grupo: *niños*. Crianças.

Quantos segundos preciosos já se perderam, enquanto falavam? Richardson, que recebera treinamento em emergências médicas, sabe que as chances de sobrevivência das crianças já podem ter se esgotado. Ele larga o barco e torna a mergulhar nas águas frias.

VELEJADORES E espectadores que se encontravam na margem, inclusive

dali e **afunda como uma âncora de ferro.**

Gerard Coleman, o treinador de Galveston, nadam para o local do desastre. Todos se esqueceram da corrida e das rivalidades. Para socorrer as vítimas, começam a trabalhar com a precisão de uma equipe de nado sincronizado.

O barco de Spencer Ogden é o primeiro a chegar ao local. Ele examina a área. A *van* desapareceu sob a água turva, mas ele vê bolhas de ar.

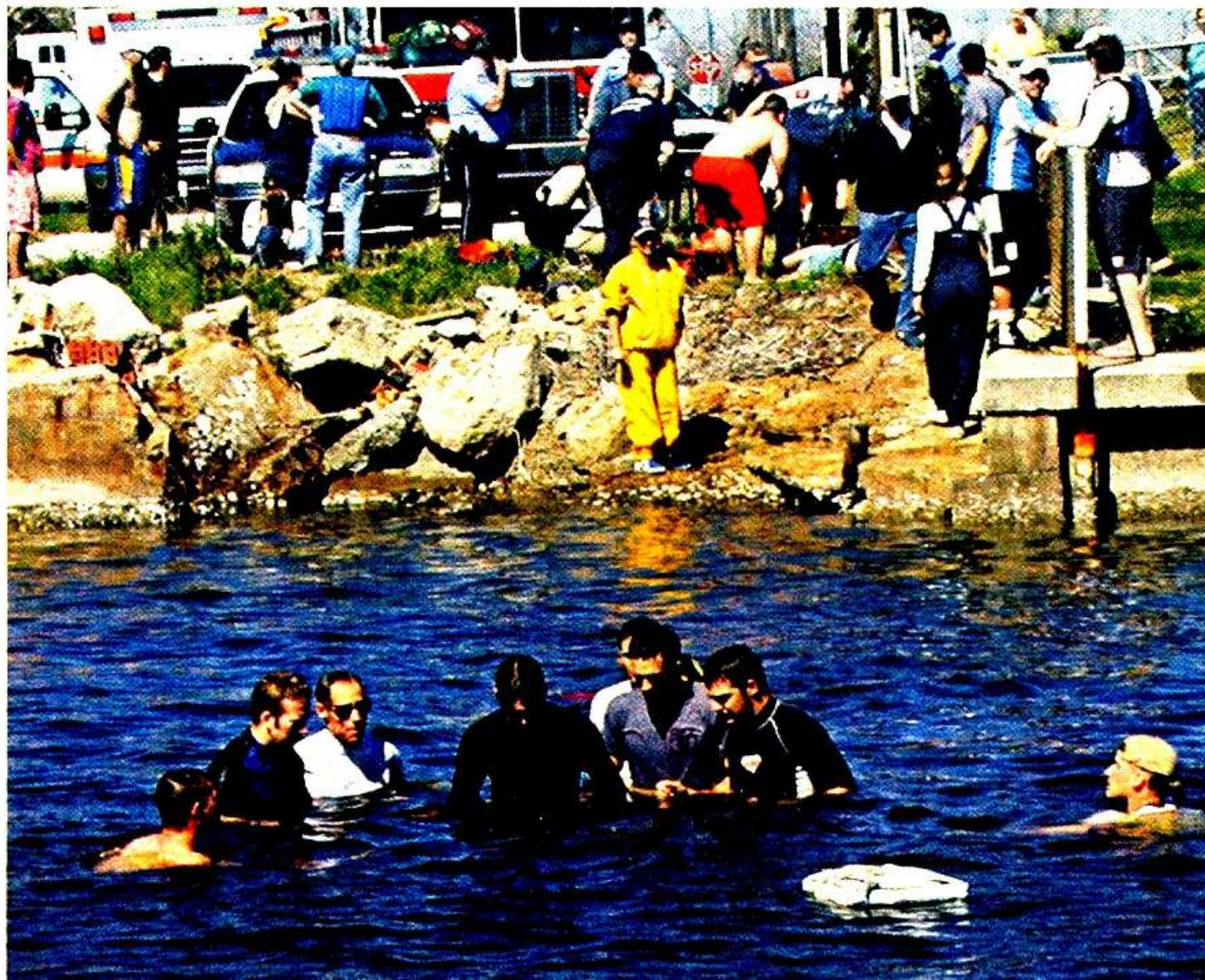
Mergulhando, nada para o ponto

Ao contrário das competições, os times de velejadores universitários formaram uma única equipe para tentar salvar aquela família.

de onde vêm as bolhas e localiza o veículo. Prende um dos pés na janela aberta do lado do motorista, marcando o local. A água lhe chega ao peito. "Estou pisando na capota!", grita, quando chegam Joe Richardson e outros.

Alguém dá a Ogden óculos de natação e ele mergulha no rio escuro. Desce um pouco, mas não consegue ver nem a própria mão estendida. Tateando, encontra o banco junto da janela na qual prendera o pé. Vazio. Onde estarão as crianças?

Sem ar, Ogden tem de subir à tona; ele toma fôlego e volta a mergulhar. Dessa vez vai para a janela do



carona e começa a quebrá-la. Há alguém naquele banco. Uma mulher. Está presa lá dentro. Ele a agarra, puxa com toda a força, mas não consegue movê-la.

Subindo à tona, Ogden sente o sangue escorrendo de um corte no pulso, cortado no vidro estilhaçado. Percebendo que não está em condições de continuar mergulhando, entrega os óculos a Luckey Reed.

Reed mergulha, orientando-se pelo tato ao longo do metal frio da van.

Da equipe dos velejadores ouve-se um grito: “Precisamos de algo para quebrar as janelas!”

Vários correm para a margem à procura de pedras. Um estudante de Galveston pega uma pedra grande e quebra o vidro do lado do carona.

Outra vez ele mergulha na água escura, **mas**

Em segundos, Reed consegue entrar e libertar a mulher inconsciente. Na superfície, Joe Richardson e dois outros a puxam para a margem e começam a tentar reanimá-la.

Reed torna a mergulhar em busca de outras vítimas. Perto do teto da van ele toca em algo. Um menino está boiando, livre. Reed agarra o garoto e o empurra para os homens mais acima, que o levam para a margem.

TRABALHANDO juntos, os velejadores libertam uma segunda mulher no banco traseiro, empurrando-a para a superfície. Seu rosto está azulado. Não tem pulso.

“Procure respirar”, implora um

dos estudantes, enquanto a carregam para a margem. “Você vai ficar boa, é só respirar.” Mas a jovem não reage.

No píer, Joe Richardson e outro estudante treinado em ressuscitação cardiopulmonar começam a trabalhar nela, tentando fazer os pulmões se abrirem e funcionarem. Perto dali, estudantes interrogam o motorista, que continua impassível: “Quantas pessoas havia na van?” “Quem?” “De que idade?” Aos poucos ele vai dando as informações. “Faltam dois!”, gritam os estudantes para os companheiros na água. Uma menina, Linda, de 6 anos. E Brenda, um bebê.

Dessa vez é o treinador Coleman quem faz as buscas no meio da água densa e negra, movimentando as mãos de um lado para o outro até

encontrar a menina de 6 anos. Ele a leva nos braços para a superfície e a mantém acima da água. Delicadamente, limpa-lhe a espuma da boca e tenta a respiração boca a boca, querendo devolver-lhe a vida. Inutilmente. “Traga-a para cá!”, grita alguém, da margem. O treinador a carrega para terra e a entrega ao grupo que trabalha no ressuscitamento das vítimas.

Resta uma. Brenda, o bebê.

MAIS UMA VEZ Luckey Reed mergulha nas águas escuras. Espia pela segunda fileira de janelas de passageiros. Nada.

Sobe à tona e grita para que que-

brem a última janela. Mas todas as pedras que usaram antes estão perdidas no fundo do rio. Um dos estudantes traz a pequena âncora de uma lancha próxima. Mergulha, brande a âncora como um bastão e o vidro se estilhaça.

Reed mergulha. Nem quer pensar quanto tempo já se passou desde que a *van* afundou. Sete minutos? Oito? Haverá alguma chance de o bebê ainda estar vivo?

Debruçando-se através da janela arreventada, Reed toca em algo. Tecido. Uma camisa passa boiando por ele. Ele a empurra para o lado e sua mão encosta numa cadeirinha de criança – o bebê continua preso a ela. Ele a segura e localiza o cinto de segurança que aprisiona o bebê. On-

de metal. Quando a abre, a cadeirinha flutua. Reed a puxa pelas costas, tentando passá-la pela janela, mas o assento fica preso entre as duas barras de alumínio que separavam as janelas dos passageiros.

Preocupado em salvar o bebê, Reed não sente o dióxido de carbono que se acumula em seus pulmões, nem conta os segundos que vão passando. Não pode subir sem o bebê. Se ele virar a cadeirinha, para que ela saia de frente pelo vidro quebrado, os estilhaços pendurados podem cortar a criança. No entanto, cada segundo que passa diminui suas chances de sobrevivência. Com os pulmões estourando, Reed gira a cadeirinha e puxa. Na superfície, os outros aguardam. Os segundos se ar-

sabe que não pode voltar sem o bebê.

de está a fivela? Não a encontra. Seus pulmões ardem. *Ah, Deus, por favor, não me deixe subir sem o bebê.* Mas acaba sem opção.

“Preciso de uma faca”, diz, vindo do fundo. Um estudante, nadando, traz uma faca de outro barco. Uma camada de gasolina cobre a superfície da água. O ar está poluído, é difícil respirar. Reed inspira o mais fundo que pode e mergulha.

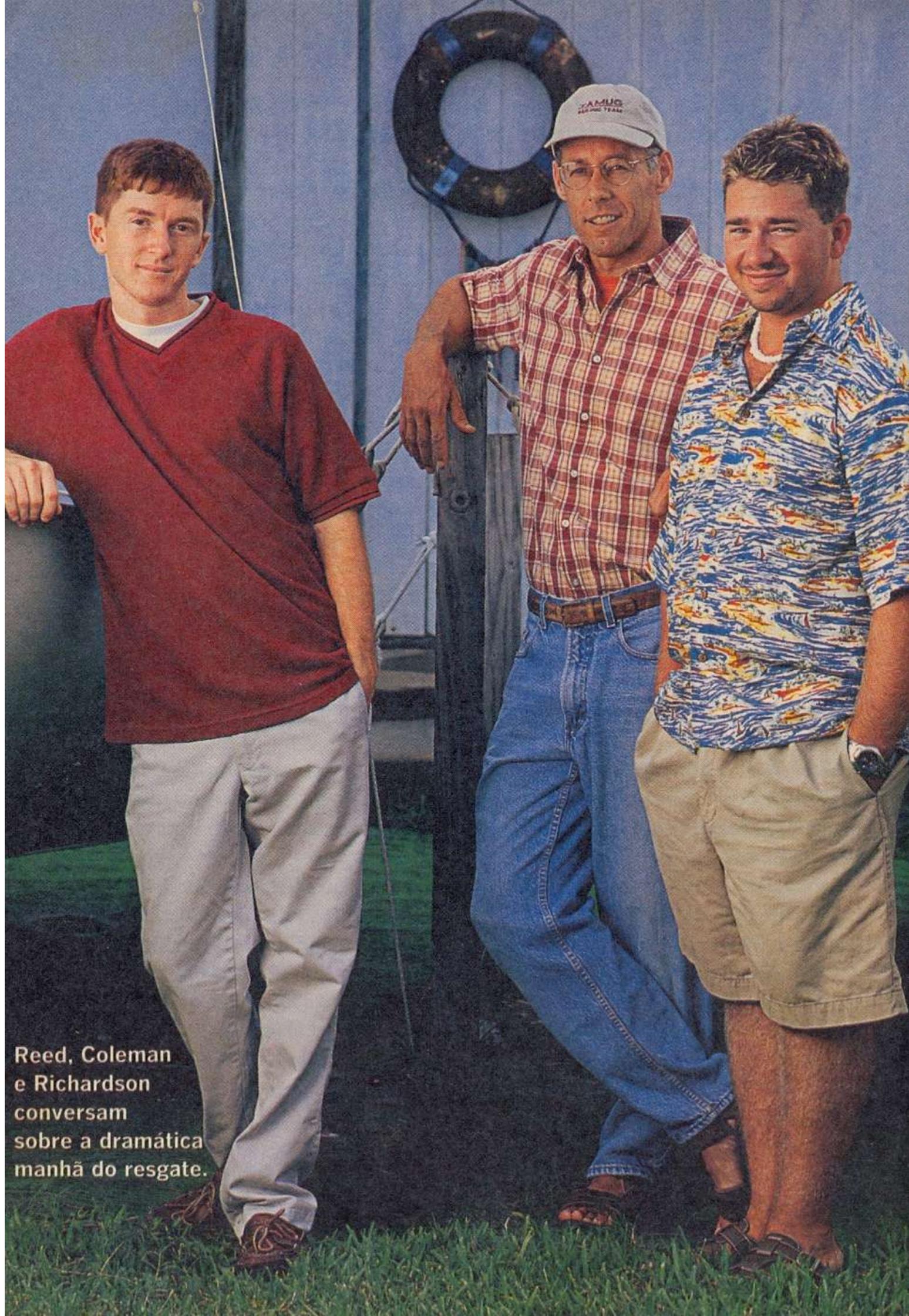
DENTRO DA *van*, ele procura em vão cortar o cinto de segurança, mas a faca está cega e não corta o náilon grosso. Ele tem de encontrar a fivela. Correndo as mãos pela cadeira, afinal seus dedos seguram a lingüeta

rastam, um minuto inteiro. Um minuto e meio. Nem sinal de Reed. Seus companheiros de equipe ficam nervosos, preocupados. Sabem como é fácil se desorientar na escuridão lamacenta do rio. “Se ele ficar lá mais cinco segundos”, decidem, “vamos mergulhar atrás dele.”

E então a cadeirinha surge, as costas primeiro. Dois estudantes e o treinador Coleman a seguram, sem perceber na hora do que se trata. Aí vêem o bebê gorducho, de cabelos escuros.

“Ah, meu Deus!”, exclama um dos rapazes. O bebê parece um boneco flácido e azulado.

As equipes de emergência chama-



Reed, Coleman
e Richardson
conversam
sobre a dramática
manhã do resgate.

das já se encontram no local. As ambulâncias rapidamente carregam as primeiras vítimas para o hospital. A polícia prende o motorista desnoiteado. Ele continua a murmurar em espanhol sobre seguir um ditame de Deus.

Um bombeiro coloca com cuidado a última vítima, Brenda, nos braços de uma paramédica. Esta, que é mãe de um menino de 5 meses, sufoca as lágrimas quando, ao primeiro exame, não encontra sinais de vida. Conecta a menininha ao respirador artificial na ambulância e seu companheiro pisa no acelerador. "Vamos, querida", suplica ela. "Por favor, não morra."

No hospital, a equipe de emergência procura ressuscitar o bebê. Por fim, desistem e a criança é declarada morta. Depois de colocá-la num berço de calor, a equipe rapidamente volta toda a atenção para Linda, de 6 anos.

Depois de muito esforço, os médicos conseguem estabilizar a menina.

Em outra sala da unidade pediátrica, o irmão também está reagindo. Se ao menos pudessem ter salvado a pequenina... Querendo dar um último adeus a Brenda, a paramédica da ambulância volta à unidade de aquecimento. Puxa o lençol que cobre o bebê até os cachinhos negros e se inclina para beijá-la. Então a médica olha o tubo do respirador. Há umidade ali. A condensação se forma no tubo quando o ar está sendo exalado. Correto? O tubo fica novamente enevoadado. Nesse instante a criança move os braços.

"Doutor, todos vocês, voltem!", grita a paramédica. "Ela está viva!"

No DISTRITO policial, José Rodriguez é acusado de tentativa de homicídio e está agora sob avaliação psiquiátrica. Ele conta a história sobre a voz que lhe dizia que a vida de sua família estava nas mãos de Deus.

Talvez estivesse mesmo... e por isso tenha sido salva pelos jovens velejadores.

DIÁLOGO INCOMPLETO



Dia desses entrei no elevador do meu prédio com dois outros moradores, que, como eu, moram lá há 30 anos.

- Oi, Sheila - cumprimentei a mulher.

O homem pareceu surpreso.

- Seu nome é Sheila? - perguntou.

Ela assentiu e sorriu.

- Mas há anos a chamo de Lillian e você nunca me corrigiu - protestou ele.

- É verdade - admitiu ela. - Mas também nunca

me ouviu responder, ouviu?

DOLORES DU BOIS no New York Times